

## **PRACATUM – Escola Profissionalizante de Músicos de Rua – uma abordagem sociológica "espaços urbanos em mudança"**

**Bern Reiter\***

O projeto da Escola Pracatum visa a criação de uma escola num bairro pobre de Salvador, Bahia. Uma escola especial, tratando-se de uma escola de música, que além da música também oferecerá matérias de outras áreas, tais como matemática, português, inglês, geografia, história e outras. Mas não discutiremos aqui a proposta pedagógica. Interessa-nos agora, a dimensão sociológica-urbana desse projeto.

É importante ressaltar que a proposta deste projeto transcende a criação de uma escola num espaço onde não existem alternativas educacionais. Visa-se também um programa de melhoria da qualidade de vida dos moradores do bairro.

### **CONTEXTO - NOVAS DESIGUALDADES SOCIAIS E SUAS EXPLICACÕES**

Há hoje toda uma discussão sociológica tratando das mudanças que estão ocorrendo em nossas sociedades – principalmente nas cidades. Fala-se de **pós-modernismo, terceirização, pós-fordismo**, de mudanças dos estilos de vidas, de *yuppies*, por um lado, e excluídos pelo outro. Observamos mudanças nos espaços públicos – tanto no uso destes, quanto na sua percepção.

O medo crescente dos que pertencem **ao sistema** daqueles que não pertencem, vem crescendo na medida que os excluídos crescem em número e criam consciência que aquele velho conto, do mundo bem-feito por um Deus justo, foi mal contado. Inserindo-se, pouco a pouco, num sistema educacional e criando consciência, que alguns outros são mais ricos, não porque Deus o queria assim, mas porque

---

\* Sociólogo da Escola Profissionalizante de Músicos de Rua – PRACATUM.

seus pais já eram ricos (contando assim com um acúmulo de capital cultura), ou porque são de outra cor (reconhecendo o racismo como uma forma de manutenção de privilégios) ou simplesmente porque nasceram no lugar certo (contando com os contatos "certos", quer dizer: tendo familiares, padrinhos, amigos – pistolões em posições decisivas, dispondo assim de elevado capital social), eles – os excluídos – vêm conquistando espaço, vêm expressando seu desconforto, vem reclamando, exigindo – e às vezes tomando – o que também deveria ser deles.

Com isso, fica cada vez mais difícil ser rico em países pobres, porque os pobres não são mais como antes – queixa que a miúdo pode-se apreciar entre "gente de bem" quando discutem entre si a dificuldade que têm hoje em encontrar uma **boa empregada**. Antigamente isso não era tão difícil, pagava-se nada e contava-se com a loyolidade submisso daqueles que acreditavam serem inferiores. Hoje surgem dúvidas sobre tais "justas diferenças" e as relações sociais se desencantaram (seguindo um processo, bem descrito e conhecido por Weber e a Escola de Frankfurt).

Faz que um cidadão, que estudou, conseguiu um trabalho razoavelmente bem pago, anda assustado pelas cidades modernas. Pessoas estranhas o param com certa freqüência pedindo *um trocado*, crianças o molestando seu carro, pedindo esmolas e o ameaçam com cacos de vidro e até com armas.

Nem em casa encontra mais sossego, temendo assaltos, ladrões violentos entrando em seu lar e ameaçando sua paz e bem-estar.

#### A ILHIFICACÃO DAS SOCIEDADES MODERNAS

O medo e o crescente afastamento dos mundos cotidianos (Lebenswelten) dos cidadãos modernos, criou um afastamento de grupos sociais que é novo e específico da época moderna: também nas sociedades consideradas ricas, perdem-se os espaços comuns, o próprio sentido da **comunidade** perde seu valor.

Daí a tendência conhecida de viver em ilhas protegidas, em apartamentos com vigilantes armados, dentro de condomínios fechados, encarcerado, com altos muros em uma **comunidade de assustados**. Daí também a estranha capacidade de ignorar seu redor, de simplesmente não ver o que acontece nas ruas e de não entender e ter idéias extremamente erradas da vida dos "outros". Pulando de ilha em ilha – do apartamento para o carro com ar condicionado, vidros sempre fechados, para o

clube dos amigos da mesma estirpe e ou ara *shopping* onde a separação é mais perfeita, porque não é tão evidente – mantendo assim a ilusão que este é o mundo e que ele ainda está em ordem.

#### A ESTIGMATIZAÇÃO DOS EXCLUÍDOS – DE PERIFÉRICOS A MARGINAIS

**H**eis a vida dos que pertencem. Como vivem aqueles que não pertencem?

Aqueles que pertencem esforçam-se tremendamente em afirmar que os outros andam mal. Que a vida dos excluídos é uma vida de violência, de roubos eternos, de drogas, desconfiança e miséria. Usam toda sua força para convencer-se deste fato e são certamente bem-sucedidos: contam com o apoio decisivo da mídia, que consegue convencer o mundo todo – até os próprios excluídos (sendo isso talvez o fato mais cruel).

**Quem não tem nada (traduzindo: dinheiro) não pode ser feliz - e não o é! Óbvio.**

**E** (fenômeno lingüístico interessante e elucidativo): As pessoas que vivem à margem da sociedade – embora sendo maioria em alguns casos – porque não lhes é permitido o acesso, são “os marginais” (sugerindo uma mensagem subjacente, que poderia ser interpretada: **todo pobre é ladrão**), e como tais perigosos e temíveis.

**O**põem-se somente uns antropólogos ou sociólogos românticos, criando uma pobreza romântica, que também em nada ajuda, porque em vez de elucidar, romantiza e provoca mais neblina ainda.

A questão das conseqüências **da riqueza**, é um tema pouco discutido, até porque as conseqüências da pobreza são muito mais alarmantes, cruéis e injustas.

**V**ale pensar, entretanto, também sobre as mudanças sociais em áreas mais privilegiadas, e poderíamos seguir com esta reflexão.

#### ALGUMAS HIPÓTESES SOBRE CAPITALISMO

**E**sta é a lei básica do capitalismo: Dinheiro traz felicidade. Portanto: ninguém pode permitir que uma pessoa pobre seja feliz, porque isto seria subversivo. A

pobreza possui uma característica altamente subversiva, que ameaça as bases do nosso sistema: a mensagem subversiva seria: não trabalhe e seja feliz.

Com isso, (e excursando um pouco) chegamos a uma interpretação conhecida do trabalho: seu caráter alienador – escrito principalmente pelos autores da teoria crítica. A expansão da industrialismo do lugar do trabalho à vida privada.

Seria o consumismo, a falta de criatividade, o conformismo e a massificação da originalidade um produto necessário da nossa forma produtiva? Permite o mundo industrializado experiências genuínas ou nem existe escape (como acreditam os mais pessimistas, como Adorno e Horkheimer)? Seria fatal, porque mesmo trabalhando menos (reduzindo, por exemplo, as horas de trabalho) vivendo num mundo totalmente alienado, as pessoas não saberiam mais o que fazer com seu tempo livre – além de consumir e repetir eternamente o ritmo pregado pela fábrica (fenômeno eternizado satiricamente por Charles Chaplin em *Modern Times*).

Também: Qual o custo inerente do desenvolvimento capitalista?

Com um movimento de industrialização, modernização e perda de valores tradicionais, perdem-se automaticamente aqueles valores tradicionais referentes à **comunibilidade** (entendida como habilidade necessária para estabelecer comunidades/*Gemeinschaften*, no sentido que Tönnies dá ao *termino*). Aumentando as riquezas individuais, incentiva-se a tendência de diversificação de estilos de consumo e estilos de vida. Isto significaria que estamos apenas no começo de um caminho que separa cada vez mais uns dos outros.

Considerando ainda uma perspectiva histórica, podemos constatar: por falta de **necessidade** de agir grupalmente, por falta de uma meta ou um inimigo comum, tais como eram antigamente **os comunistas/ os russos / os inimigos...**, estamos num caminho de nos diferenciar internamente, de nos afastarmos cada vez mais.

#### OS ESPAÇOS PÚBLICOS EM MUDANÇA

Observamos então, que as **cidades** modernas estão perdendo uma característica que lhes era intrínseca e lhes dava sua razão de ser: o lugar do domínio da comunidade, que garantia ao “cidadão” liberdade e proteção de quaisquer exigências de um proprietário de terras e gente de fora dos muros da cidade (como explica Max Weber, falando sobre as cidades européias medievais). Nestas cidades, conseguia-se

a liberdade após “um ano e um dia” de permanência nela, sendo aceito pelos representantes desta e integrando-se à comunidade de religião e de juramento (regulamento que excluía os não-cristãos e era a causa da situação difícil dos judeus nas cidades medievais). Fazia, então, da cidade um lugar de defesa, de mercado, com uma unidade política. Era um lugar de uma comunidade, porque tinha-se interesses em comum.

A cidade era dos cidadãos, era o lugar onde se trabalhava, se trocava, e se encontrava. O centro destas cidades era tipicamente o mercado, onde pulsava a vida econômica e social. O mercado era mais que um lugar de troca, era o lugar dos encontros. Era o **espaço do povo** *per se* – o primeiro e mais importante **espaço público**.

Disponha de leis que protegiam a paz na praça e garantiam a ordem no mercado.

Com a constante ameaça de fora – outras cidades, potentados, ladrões ou cavaleiros constantemente ameaçavam a paz da cidade – a comunidade de dentro dos muros se juntava para se defender e cada cidadão tinha obrigação de contribuir para o bem comum.

As ruas da cidade eram feitas para a circulação e uso geral dos moradores, sendo por tanto estreitas – para oferecer sombra – e o suficientemente amplas para poder passar com uma carroça, onde se julgava necessário.

Nas ruas, os moradores andavam, se encontravam vendiam – era um espaço social. Até hoje pode-se observar nas cidades alemãs, que em frente de cada casa antiga foi instalado um banco para os moradores sentarem e observarem o movimento da rua – para conversar e interagir com os demais moradores, principalmente os jovens, que costumavam circular pelas ruas. Estes bancos vêm sendo retirados, o que não deixa de ter um valor simbólico: ninguém tem vontade de ficar sentado na frente da sua casa para observar os carros passarem e aumentar o risco de um câncer pulmonar.

As cidades em muito mudaram. Nas cidades modernas, os espaços públicos perderam seu valor social. Hoje fala-se da “cidade fortaleza”, mas não de uma cidade unida contra seus inimigos de fora, mas da criação de fortalezas dentro das cidades, onde um grupo de cidadãos se protege contra os outros. Os *termini* usados nesta discussão são **cidade dual, cidade dividida, cidade quartejada, cidade fortaleza,**

entre outros. A classe média-alta (quer dizer: as pessoas que podem manter um estilo de vida padrão do primeiro mundo) encerra-se dentro dos seus condomínios, dentro dos seus apartamentos com vigilantes, seus clubes e *shoppings*. Cada vez que é obrigada a freqüentar a rua, o faz com um sentido de medo. Medo dos assaltantes, medos dos negros, medo de meninos de rua. Chegam aliviados em suas ilhas de ilusão, depois de ter enfrentado a rua. (Situação que foi descrita com excelência por Tom Wolfe, em seu conhecido *best-seller Bonfire of the Vanities*)

Dentro dos bairros pobres o clima é outro. Quando não rege a mais absoluta pobreza ou alguma influência negativa de origem externa (como o narcotráfico), pode-se observar uma vida social muito densa, com muita gente na rua, todo mundo conhecendo todo mundo. Joga-se dominó nas esquinas, se **bate um papo** com a vizinha e tem o bar do bairro, lugar de encontro principalmente dos homens. É desta forma que podemos imaginar a vida popular nas cidades medievais européias.

Rege uma cena proximidade social, provavelmente favorecida pela situação de pobreza compartilhada. Nesses bairros, a função da rua e dos demais espaços públicos não é de propiciar espaço para carros – até porque normalmente poucas pessoas nestes bairros possuem carro. A rua segue sendo um lugar de encontro, das crianças brincarem de jogar, de passear, de cultivar a vida pública. Com isso, junto com fatores de caráter social (desemprego e bastante tempo livre conseqüentemente) e cultural (nexos familiares muito presentes e valores tradicionais prevaletentes), vive-se uma vida social mais animada, mais densa, mais viva.

#### O CANDEAL DE BROTAS

Desta forma podemos observar no Candéal um fenômeno típico: cercado de prédios altos e modernos, habitados por pessoas de classe média-alta, que vivem uma vida de isolamento entre si e frente a seus vizinhos ignorados, encontramos o Candéal como um bairro de uma vida social ainda funcional, com características não impostas por arquitetos, mas criadas pelos moradores, com uma história e uma fisionomia típica e uma vida sócio-cultural marcada por uma “solidariedade de pobreza”. Óbvio que também há estratificação social interna: os que possuem um pouquinho mais que os outros logo se declaram “melhores”, distanciando-se simbolicamente dos demais “pobres” ou “invasores” e imitando no seu *habitus* a classe média, que por sua vez imita a classe alta.

## O PROJETO DA ESCOLA PRACATUM E TÁ REBOCADO

O projeto da Escola Pracatum junto com o projeto Tá Rebocado vem se inserindo no contexto, sendo o início do que pode vir a ser *gentrification* no sentido tradicional negativo. Dependendo do cuidado, da sutileza e metodologia participativa que procura a participação dos moradores, este processo pode ser mais ou menos traumático.

Mudança é um fenômeno neutro e necessário. O que não muda perde seu vínculo com a vida – morre. Depende como se dão as mudanças. No caso do Candéal, a metodologia procura se orientar na realização dos desejos dos moradores, **orientados** por técnicos.

Esta forma, o Candéal pode receber e criar melhorias e qualidade de vida dos e para seus moradores e pode com isso ser um experimento de uma nova (e velha) forma de vida urbana: mantendo a vida social densa e – ao mesmo tempo – melhorando as condições de vida, quer dizer: infra-estrutura urbana, promover a educação e propor uma forma criativa de inserção no mercado: como músico.

Este é o programa. Resta analisa-se a melhoria estrutural e com isso: a inserção em um mercado capitalista pode coexistir com formas de vida social harmônicas.

Haverá muitos teóricos que negarão essa possibilidade. As condições de produção determinam as formas de vida (superestrutura) – idéia marxista até hoje em vigor.

A diferença do Candéal é a forma especial e única como se dão estas mudanças: através da música. Os músicos que já fazem sucesso no mundo todo, ainda hoje podem ser vistos jogando dominó na esquina ou batendo um papo com **Seu Vavá**. Heis a força aglutinadora da música, heis a força e a chance do Candéal.

Heis o sonho: melhorar a qualidade de vida sem perder as características sociais e culturais típicas e vivas.

## LITERATURA

- BERGER, Peter, THOMAS Luckmann  
1993 *Die gesellschaftliche konstruktion der wirkfichkeit*, Frankfurt a.M.: Fischer.
- BERMAN, Marshall  
1986 *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras.

- BECKER, Ulrich, SCHOEN Annalie (Hg.)  
1989a **Die janusgesichterdes booms**: strukturwandel der stadregionen New York und Boston. Hamburg: VSA.
- BOURDIEU, Pierre  
1987 **Die feinen Unterschiede**. Frankfurt a.M.: Suhrkamp.
- BRAKE, Klaus  
1988 **Phönix in der Asche - New York verändert seine stadtstruktur**. Oldenburg: Universit, t: 5-22 und 187-204.
- BRAKE, Klaus  
1991 Polarisierung der städte in der marktwirtschaft. In: MARCUSE, Peter, STAUFENBIEL, Fred (Hg.). **Wohnen und stadtpolitik in umbruch**. Berlin: Akademie Verlag. 108-116
- FEATHERSTONE, Mike  
1995 **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel.
- FREUD, Sigmund  
1992 **Das unbehagen in der Kultur**. Frankfurt a.M.: Campus.
- GIDDENS, Anthony  
1984 **Interpretative soziologie**. Frankfurt a. M.: Campus.
- GIDDENS, Anthony  
1991 **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Ed. da Universidade Estadual Paulista.
- HABERMAS, Jürgen  
1990 **O discurso filosófico da modernidade**. Lisboa: Dom Quixote.
- Horkheimer, Max  
1992 **Traditionelle und kritische theorie**. Frankfurt a.M.: Fischer.
- HORKHEIMER, Max, ADORNO, T. W.  
1991 **Dialektik der aufklärung**. Frankfurt a.M.: Fischer.
- HUERMANN, Hartmut, SIEBEL, Walter (Hg.)  
1993 **New York. Strukturen einer metropole**. Frankfurt: Suhrkamp.
- MAFFESOLI, Michel  
1985 **A sombra de Dionísio**. Rio de Janeiro: Graal.
- Marcuse, Peter  
1989 'dual city': A muddy metaphor for a quatered city. **International Journal of Urban and Regional Research**, v. 13, p. 697-703.
- MARCUSE, Herbert  
1990 **Triebstruktur und gesellschaft**. Frankfurt a. M.: Suhrkamp.
- TÖNNIES, Ferdinand  
1991 **Gemeinschaft und gesellschaft**. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft.
- WEBER, Max  
1980 **Wirtschaft und gesellschaft**. Tübingen: Mohr.